

A Educação sexual faz sentido no actual contexto de mudança?

1. A educação sexual não profissional

Há algum tempo atrás, Helena Matos, uma cronista de um dos maiores diários portugueses, afirmava que o sexo é uma "matéria dos amantes" e não uma matéria escolar. Mais referia que, as tentativas de integrar o sexo na vida escolar, resultaram sistematicamente em tentativas de manipulação e controlo moral das crianças e jovens.

Esta crença, em parte verdadeira, é bastante frequente: a de que a sexualidade se aprende e se deve aprender - como sempre aconteceu - na própria vida quotidiana e nas interacções amorosas e que, neste processo, a intervenção de profissionais é desnecessária e mesmo indesejável.

No seu início, a ideia da educação sexual surgiu como uma reacção ao conservadorismo moral e ao silêncio a que as questões sexuais estavam votadas neste modelo moral. A ideia, era que, face ao silêncio das famílias e da sociedade, era preciso que os profissionais agissem e abordassem estas questões com os jovens, num processo com uma ampla vertente de esclarecimento e de libertação pessoais.

Tal necessidade foi também fundamentada nas questões da prevenção da gravidez não desejada e, já nos anos 90, na questão da SIDA. A educação sexual era vista, numa perspectiva de saúde, como um factor de prevenção das doenças.

A educação sexual profissionalizada, foi assim frequentemente definida pela negativa e em alternativa ao papel que outros agentes de socialização não podiam ou não queriam realizar¹.

No entanto, e como é sabido, nas últimas décadas do século XX operou-se nas sociedades ocidentais um conjunto de transformações profundas e aceleradas nos valores, normas e práticas sociais sobre as questões da sexualidade (Vilar, 2003).

O modelo reprodutivo, que limitava no plano moral as expressões da sexualidade aos campos das práticas reprodutivas, do matrimónio e da heterossexual idade, deu lugar a um modelo "recreativo" em que a sexualidade é vista essencialmente como uma dimensão lúdica da vida. Esta dimensão lúdica é entendida no seu sentido mais global, ou seja, não só como a necessidade de satisfação física da "fome sexual" ou da descarga energética de que nos falavam Freud ou Reich, mas como um campo de expressão da totalidade humana - corpo, emoções, desejos, fantasias, significações e relacionamentos.

A sexualidade deixou de ser um terreno privilegiado de controlo social, tal como foi descrito por Michel Foucault (1976) para ser sobretudo um terreno de construção individual onde a diversidade parece imperar.

Como refere também Michel Bozon (2002: 31), "Na sexualidade contemporânea, a procriação .não ocupa mais do que um espaço reduzido e marginal.

A sexualidade aparece mais como uma experiência pessoal, fundamental na construção do sujeito, no centro de um domínio que se desenvolveu e ganhou um peso considerável ao longo dos séculos, a esfera da intimidade e da afectividade. O repertório sexual alargou-se, as normas e trajectórias da vida sexual diversificaram-se, os saberes e as representações da sexualidade multiplicaram-se".

Não que tenha desaparecido o controlo social sobre a sexualidade mas, na nossa sociedade, ele opera-se sobretudo na delimitação dos comportamentos extremos e que

¹ Ainda hoje, a educação sexual aparece como uma reivindicação do movimento estudantil do ensino secundário, que só pode ser entendida como um protesto contra o silêncio da escola nestas matérias.

são considerados desviantes ou criminosos, como por exemplo a pedofilia e não nos comportamentos individuais. Fora estes problemas específicos, a sexualidade é hoje socialmente considerada uma área fundamentalmente de expressão íntima dos indivíduos e dos casais, devendo ser preservada, por isso, dos ditames morais do meio social envolvente.

Este conjunto de mudanças que descrevemos reflectiram-se naturalmente em todos os actores e processos e condições de socialização.

De forma resumida, podemos dizer que uma das características típicas da vivência da sexualidade na modernidade tardia é a modificação radical dos contextos comunicacionais em que ela ocorre, no sentido de uma multiplicação e quase saturação de mensagens sobre os "temas sexuais".

De facto, a sexualidade deixou de ser um tabú. Ao contrário dos universos fechados e erotofóbicos típicos de épocas anteriores, vivemos hoje uma época de permissividade em matéria de normas de moral sexual (Reiss, 1990) e, portanto, a educação sexual informal e espontânea é actualmente mais fácil e fluente.

Por isso, e face ao processo de liberalização das normas sociais relativas à sexualidade, e face ao lugar central que as questões sexuais ocupam nos universos mediáticos da modernidade, algumas vezes, como no caso já referido, vemos surgirem posições que questionam e subvalorizam a actual necessidade da educação sexual intencional².

Que papel poderá então ter a intervenção dos profissionais, na escola ou noutros círculos de socialização das crianças e dos jovens?

Redefinir a educação sexual

Parece-nos importante, no entanto, e antes de continuar a utilizar este conceito de educação sexual, que o mesmo seja revisitado já que em si mesmo contém múltiplos entendimentos e continua a ser objecto de tremendas confusões.

Sendo socialmente modelada, a sexualidade humana e as suas regras morais foram sendo construídas e modeladas nas transformações sociais mais globais, nas mudanças que se foram produzindo nas mentalidades e nas instituições com ela mais relacionadas, nomeadamente a conjugal idade e o campo das relações familiares" (Vilar, 2003).

É a esta aprendizagem específica, ou socialização, que se faz de forma intencional sobre esta "área" de questões, que se costuma designar (à falta de melhor termo) por educação sexual.

Tendo em conta as ligações da sexualidade às outras dimensões da identidade pessoal e das relações interpessoais e a sua mediação social, a educação sexual integra todo um conjunto de componentes de outras áreas de aprendizagem tais como os valores e os afectos, ou as questões do género, a estrutura de personalidade, as competências dos indivíduos para lidarem com a sua intimidade.

A socialização dos indivíduos na área da sexualidade é, pois, um processo em que intervêm, assumindo ou não essa intervenção, todos os actores que nos modelam a nossa identidade em todas as outras áreas da nossa vida. Falo dos contextos mais informais como o familiar - progenitores e fratria - e os pares ou amigos. Refiro-me aos grandes modeladores sociais como os mass media e refiro-me finalmente aos meios de educação formal e nestes, em primeiro lugar, a escola.

Visitemo-los então.

² Veja-se também a este propósito as declarações recentes de um ministro da educação português afirmando que a educação sexual tinha sido "uma invenção" das suas antecessoras políticas (de cores diversas das suas).

Os mass media e a educação sexual das crianças e jovens

Uma característica das sociedades modernas é o papel e a importância dos chamados mass media na circulação rápida de informações e outros produtos culturais, ideias, formas de estar na vida e valores morais que saturam os quotidianos das populações das sociedades ocidentais.

Os mass media são, simultaneamente, componentes das realidades modernas e (re)produtores desta(s) realidade(s).

O seu impacto é imenso na propagação das ondas de mudança social.

A abordagem de questões sexuais é uma questão essencial nos critérios de eficácia comercial dos media. Este processo de apropriação comercial da sexualidade não é recente.

Ele radicou na compreensão, já antiga, de uma questão simples: a sexualidade e o erotismo fazem parte da vida das pessoas, dos seus desejos, fantasias e preocupações, é um centro de grande interesse dos indivíduos e das sociedades e, por isso mesmo, utilizando uma linguagem económica, tem não somente um valor de uso como também um valor de troca.

Como afirma Folscheid (2002: 179) "É em primeiro lugar pela linguagem das imagens que o sexo constrói, hoje em dia, o seu lugar ao sol. Isto assenta perfeitamente na nossa época, que nos faz viver, de forma permanente, numa orgia de imagens de todos os tipos. No tempo do audiovisual, é normal que apareça o sexovisual... o sexo encontra nos media um excelente meio de difusão"

Que papel têm os mass media na socialização de todos nós?

Muitas vezes os mass media são mistificadores. Obviamente que a sexualidade e o erotismo são, tão só, uma das parcelas do nosso vida, dos nossos realidades.

Por vezes o centralidade de que atrás falámos é manifestamente exagerado.

A beleza, o juventude, o desejo e o sedução podem ser portes ou momentos do realidade, mas não são todo o realidade.

Mos os mass media não têm uma lógico única nem coerente.

A TV e os revistas, apesar de nelas se poderem descortinar linhas de fundo manifestos em certos orientações editoriais, alteram constantemente os sentidos dos suas mensagens e não fornecem (nem podem fornecer porque não é essa a sua natureza) um encadeado lógico de mensagens. Fornecem alguma informação, mas esta informação é parcelar, espartilhada, selectiva, superficial, muitas vezes mistificadora e confusa na sua apresentação.

As mensagens audiovisuais são altamente voláteis (o que não quer dizer que não sejam eficazes).

As mensagens escritas, nomeadamente as páginas dedicadas a questões sexuais das revistas femininas, masculinas ou juvenis, consomem-se de maneira informal porque estas publicações têm uma natureza iminentemente lúdica.

Os mass media, sobretudo, têm alterado as paisagens morais, legitimam o que antes era oculto, e introduzem frequentemente novos temas para o debate quotidiano.

Exemplo paradigmático desta função é o papel que as famosas telenovelas brasileiras têm tido na cena mediática e social portuguesa: desde a surpresa, no final dos anos 70, do erotismo de "Gabriela, Cravo e Canela", até às questões como a homossexualidade masculina e feminina ou a clonagem, intencionalmente introduzidas e trabalhadas pelas produtoras de novelas televisivas e que, efectivamente, acabam por provocar milhares de pequenos debates nos círculos quotidianos.

Como foi dito, os media influenciam poderosamente, mesmo com a sua carga mistificadora, o contexto ambiental e o das atitudes, uma vez que passam a ideia de uma realidade liberal e permissiva em que a sexualidade tem um destacado lugar.

No entanto, influenciam muito pouco o domínio dos conhecimentos, da literacia e das competências.

Neste sentido, delegar nos mass media o papel principal na socialização sexual das crianças e jovens é altamente redutor e perigoso.

As famílias e a educação sexual das crianças e jovens

As mudanças referidas influenciaram também as famílias enquanto espaços de socialização sexual.

O que a seguir vamos referir resultou, no essencial, de um estudo que realizámos em 1999 e que abrangeu cerca de 100 famílias de adolescentes da região de Lisboa (Vilar, 2003).

A liberalização das normas sociais relativas à sexualidade das últimas décadas, nomeadamente em relação à sexualidade dos jovens, traduziu-se - pelo menos nas famílias que estudámos - mais em ambientes familiares permissivos e menos em práticas educativas parentais que apoiem efectivamente os jovens nas suas dúvidas ou problemas concretos relativos à sexualidade ou às suas vivências sexuais.

Tal como tivemos oportunidade de referir, não são só os progenitores que originam o que acabámos de referir.

Às dificuldades e resistências dos progenitores, correspondem também dificuldades e resistências dos próprios adolescentes que, muitas vezes, evitam abordar estes temas por receio de críticas ou outro tipo de intrusões na sua intimidade.

Pensamos também que é necessário ser realista relativamente ao que se espera dos progenitores e no que se relaciona com a educação sexual dos filhos adolescentes.

Os contextos familiares são muito importantes na formação da identidade sexual na formação das atitudes e na formação dos traços estruturais de personalidade que irão sendo investidos em todas as áreas do crescimento e das relações estabelecidas.

Mesmo nas famílias em que existe uma comunicação com mais intensidade e eficácia, há que pensar que as práticas parentais e a comunicação entre progenitores e adolescentes continuarão a ter essencialmente um carácter informal e que, muitos progenitores e adolescentes continuarão a ter dificuldades reais na comunicação sobre este tipo de questões. Dificuldades estas que são inerentes às características da adolescência e, noutros casos, às incapacidades ou insuficiências dos progenitores neste campo específico" (Vilar, 2003).

Assim, se é verdade que o contexto familiar é, pela sua natureza e pela sua presença quotidiana, um actor essencial no processo de socialização, ele muitas vezes não é, de facto, como às vezes se afirma, o primeiro nem muito menos o único agente de educação sexual. Delegar nas famílias a educação sexual das crianças e dos jovens é continuar a situação de ignorância absoluta sobre as questões da sexualidade e limitar este direito às famílias cultural e tecnicamente mais apetrechadas.

A educação sexual entre pares Quanto aos pares - os amigos, os colegas, os parceiros amorosos -, estes constituem também um contexto essencial de crescimento e de interacção, sendo eles próprios o reflexo dos diversos contextos de educação sexual em que se situam.

No círculo de amigos, o jovem ou a jovem aprende com os outros, testa e desenvolve competências, cria vínculos e relações amorosas.

Integra as normas dos grupos e das gerações de pertença. Desenvolve os seus próprios valores e estilos de vida contrariando ou não o mundo dos adultos e as mensagens parentais.

Tal como a família, os pares e os parceiros operam mais o contexto das atitudes e são um campo de treino de competências sociais várias, incluindo as sexuais.

Mas sobretudo reproduzem os contextos sociais e comunicacionais em que se integram, com os seus mitos e crenças, misturadas por vezes com informações importantes e adequadas nesta matéria.

2. Que espaço para a intervenção profissional em educação sexual?

A escola, os valores e as atitudes face à sexualidade

Em termos da formação das atitudes, as famílias e os mass media são agentes muito mais poderosos do que a educação sexual escolar. À semelhança das famílias, nas nossas escolas vive-se, em geral, um ambiente liberal e descontraído em relação aos temas da sexualidade. Mas este ambiente tem menos a ver com os conteúdos de ensino e muito mais com o espaço de convívio que a escola constitui.

No entanto, se a escola e o sistema educativo assumirem a integração das questões relativas à sexualidade humana, transmitir-se-ão diversas mensagens importantes e positivas para as crianças, para os jovens e para outros agentes de socialização: em primeiro lugar, a ideia de que a sexualidade faz parte da vida e até da vida escolar, nomeadamente das preocupações educativas e não deve ser uma dimensão ocultada e obscura; em segundo lugar, a ideia de que a sexualidade em si é uma componente positiva da condição humana e que, como todas as outras esferas da condição humana, pode ser conhecida e abordada no contexto escolar (Zapiain, 2002).

Por outro lado, ainda no terreno dos valores e atitudes face à sexualidade, a escola pode ainda ter outro papel fundamental, sobretudo a partir da adolescência: o da promoção de espaços de debate entre as diversas posições morais que são típicas da modernidade (ao contrário do pensamento moral único típico de épocas anteriores) e que se manifestam não só em termos da opinião pública mas também entre os próprios jovens.

Existe pois uma dimensão simbólica e prática de cidadania na escola, reconhecadora da diversidade de posições morais em diversas matérias e promotora da capacidade de tolerância face a esta diversidade.

A escola e as competências sociais Em termos de competências sociais, são provavelmente as relações familiares e entre pares e, no futuro, o próprio relacionamento amoroso e sexual, que são os espaços fundamentais na sua aquisição e desenvolvimento.

No entanto, a abordagem de temas sexuais na escola pode contribuir para o desenvolvimento de determinadas competências.

Um estudo recente de avaliação ex post facto de grupos de jovens que frequentaram ou não um programa de educação sexual em Portugal (Sousa, 2003), revela que uma das diferenças detectadas entre o grupo experimental e o grupo de comparação é um maior uso do preservativo e do método duplo, os quais podem ser entendidos como indicadores de uma maior percepção e prevenção de situações de risco. Tais conclusões integram-se nas conclusões de numerosos estudos de avaliação de programas de educação realizados em diversos países e contextos culturais que mostram que a frequência de programas de educação sexual aumenta os comportamentos preventivos, nomeadamente o uso de contraceptivos nos jovens envolvidos em relações sexuais (Eggleston et Al, 2000; Kirby, d. 1999; Boyer et Al, 1997).

Outras competências que podem ser exercitadas são, por um lado, os mecanismos da tomada de decisão, a utilização dos recursos disponíveis e as capacidades de comunicar.

A escola e a literacia

Mas é sobretudo no domínio dos conhecimentos que a escola poderá cumprir um papel mais importante, quando comparada aos outros agentes de socialização que referimos.

Ao contrário dos media, a escola tende a promover uma aprendizagem de forma articulada e com um sentido lógico.

Por outro lado, a escola, por ser um espaço de ensino formal e de saberes interdisciplinares, é capaz de transmitir conhecimentos técnicos e científicos que, muitas vezes, as famílias não podem promover (pela sua natureza informal e pela deficiente preparação e dificuldades de comunicação de muitos progenitores) nem os mass media são capazes de transmitir de forma regular.

Lemos (2002) num estudo de impacto de um programa de educação sexual na cidade de Coimbra, revelou que as turmas que participaram em programas de educação sexual tiveram efectivamente aumentos significativos nos conhecimentos quando comparados com turmas que não participaram nos referidos programas.

Também Almeida et Al (2003), referiram que as gerações mais jovens de mulheres, que são simultaneamente as mais escolarizadas, referem amiúde a escola como lugar de aquisição de conhecimentos sobre questões como os mecanismos reprodutivos e os métodos contraceptivos, contrastando com as gerações mais velhas que, nestas matérias, foram sendo sobretudo informadas pelas amigas e colegas de trabalho.

Ora as questões da literacia e da qualidade dos saberes são importantes, quer para a aquisição de uma cultura preventiva em matéria de riscos associados à sexualidade, quer como contributo para o auto e hetero conhecimento e para a qualidade da vida sexual.

Pensamos ser este, em síntese, o papel da educação sexual formal nos novos contextos de socialização típicos da modernidade: promoção de melhores conhecimentos e de maior literacia sobre as questões relacionadas com a sexualidade, promoção de competências ao nível da assertividade, comunicação e prevenção de situações de risco, e promoção do debate (e não endoutrinação moral) enquanto factor essencial de formação dos valores e atitudes.

Bibliografia

ALMEIDA, A.N., VILAR, D., ANDRE, I.M. e LALANDA, P. et Al, (2003) Fecundidade e contracepção. Percursos de saúde reprodutiva das mulheres portuguesas, Lisboa, ICS, Junho 2004

BOYER, C.B.; SHAFER, M.A.; TSCHANN (1997) "Evaluation of knowledge and cognitive-behavioral skills building intervention to prevent STDs and HIV infections in high school students" in *Adolescence*, Vol. 32, NQ 125, 25-42

BOZON, M. (2002), *Sociologie de la sexualité*, s.l., Nathan/VUEF

EGGLESTON, E.; JACKSON, J; ROUNTREE, W. PAN, Z (2000), "Evaluation of a sexuality education program for young adolescents in Jamaica" in *Revista Panamericana de Salud Pública*, Vai. 7 (2), 102-112

TRANS, E. (2000), *Good lovers*, Ghent, CGSO Trefpunt Belgium

KIRBY, D. (1999), "Reflections of two decades of research on teen sexual behavior and pregnancy" in *Journal of School Health*, Vai. 69, NQ 3, 89-94

LEMOS, E. (2002), "O papel dos conhecimentos e atitudes sobre sexualidade como pré-requisitos para comportamentos saudáveis" in *Sexualidade & Planeamento Familiar*, nQ 33, 43-49

MIN.EDUCAÇÃO, MIN.SAÚDE, APF (2000) *Educação sexual em meio escolar - linhas orientadoras*, Lisboa. ME

MOREIRA, R.L., (2001), *O sexo que passa na TV*, Belo Horizonte, edição do autor

REIS, MQ H. (2003), *A educação sexual nas escolas portuguesas: os professores como actores na sua implementação*, dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

SIMON, W.(1996) *Postmodern Sexualities*, Londres e N. Iorque, Routledge

"Educação Sexual em Rede" – nº 1 Julho/Setembro 2005

Duarte Vilar | Sociólogo | Director Executivo da APF | Professor Auxiliar

Artigo publicado na revista *Educação Sexual em Rede*, nº 1 (Julho/Setembro 2005), p. 8-14.